DESFILANDO MODA NA PASSARELA DO CARNAVAL

Eliane da Rosa; Profª Drª Ana Cleia Christovam Hoffmann
Universidade Feevale; CEP 93510-235, Novo Hamburgo, RS; elianedarosa@terra.com.br

Resumo
Este artigo tem por objetivo, abordar a moda no carnaval como manifestação cultural e afirmação da identidade de um povo; o corpo como representação no carnaval e na moda; a figura da porta-bandeira, mediante busca da origem do gênero feminino para atuar na função; a representação cultural das vestimentas e exigências formais na apresentação do casal de porta-bandeira e mestre-sala. Para tanto, é usada a metodologia da pesquisa bibliográfica, com análise de conceitos e informações sobre o tema, através dos autores como Damatta, Le Breton, Gil e Prodanov e Freitas, entre outros consultados. Como resultado, fica a percepção de que os estudos e diálogos sobre o tema devem prosperar, para difusão do carnaval e da moda como propagadores da cultura e identidade nacional.

Palavras-chave: Carnaval. Moda. Porta-bandeira.

Área Temática: Moda

1. Introdução

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Processos e Manifestações Culturais. Nele aborda-se a moda no carnaval, como manifestação cultural e afirmação da identidade de um povo; o corpo como representação no carnaval e na moda; a figura da porta-bandeira, mediante busca da origem do gênero feminino para atuar na função; a representação cultural das vestimentas e exigências formais na apresentação do casal de porta-bandeira e mestre-sala.

O carnaval traduz a alegria desmedida; diversidade cultural; a mistura de credos religiosos; a criatividade; a convivência de raças, idades e classes sociais, inerentes ao povo brasileiro, eclodindo nas ruas e nos salões. Para a cultura brasileira, o carnaval ultrapassa os festejos, constituindo uma forma de identidade nacional, criada a partir da construção e adaptação da festa pela sociedade, a qual é transformada a contar dos anos, assumindo grande intensidade, dimensão e notoriedade no mundo inteiro, como forma de expressão da realidade social, celebrando, dessa forma, cultura e arte. (Pereira Júnior, 2023, *on-line*).

Ao tratar sobre o carnaval, é preciso abordar a quebra de repressões através dos corpos, usados para expressar, além da liberdade, a moda. A sociedade respeita convenções

comportamentais durante seu cotidiano, o que faz com que o carnaval adquira vários significados, onde o folião pode afastar-se dos limites. Na festividade, os corpos chegam ao ápice, misturados, indistintamente, aqueles que participam,entregando-se ao fervor. O carnaval elege a transgressão e conduz os foliões à libertação de emoções, normalmente reprimidas. Celebra-se o fato de diferentes exaltarem a festa em um mesmo espaço, somando inversões de comportamentos. "[...] tempo de excesso e de dispêndio [...]" e o "[...] corpo transborda, vive na plenitude sua expansão para fora: o acasalamento, a gravidez, a morte, o comer, o beber, a satisfação das necessidades naturais" (Le Breton, 2011, p. 45-48). Durante as festividades, o corpo do folião pode experimentar o prazer através dos estímulos decorrentes da celebração, deixando de prezar pelo pudor, a chegar pela satisfação em exibir a nudez. Esse prazer faz com que o corpo seja um mecanismo para sair da ordem em que fica obrigado a seguir na sociedade onde está inserido (Damatta, 1997, p. 136-150). Nesse frenesi, as mulheres ficavam limitadas à exposição do corpo e da aparência. Porém, transformaram **"**a objetificação de seus corpos em ferramentas de empoderamento" (Pereira; Abreu, 2020, *on-line*).

Desde o surgimento do carnaval, os homens tinham participação efetiva, enquanto que as mulheres eram impedidas de participar e destinadas a permanecer na cozinha. Segundo Pereira (2020, *on-line*), no final do século XIX e início do século XX, havia os chamados Ranchos e Cordões, marcados pela rivalidade entre os grupos que disputavam a atenção e o espaço durante os dias em que se seguiam as festividades. O estandarte era visado e cobiçado pelo grupo rival, o qual sofria ataques, enquanto protegido e carregado por homens, auxiliados pelos balizas. Ganhava a disputa, o pavilhão que chegasse mais belo e inteiro no final do desfile. Informa que os componentes portavam navalhas para cortar a bandeira rival, com o objetivo de chegar desfeito, despedaçado, para a perda de pontos pela escola. "Mas ali não havia dança, era só proteger o pavilhão, tinha muito dos movimentos de capoeira, movimentos de luta para defender o pavilhão para que ele chegasse ao fim do desfile intacto, para que ele obtivesse uma nota boa". Narra a autora, que as mulheres ficavam "[...] escondidas, bordando, costurando, nos bastidores [...]", enquanto que a função de rua era exclusiva dos homens. Com a entrada das mulheres nas agremiações, surge a figura da porta-estandarte, e, posteriormente, a de porta-bandeira, cuja história narra que Heitor dos prazeres, na função de baiana (homens ficavam nessa função portando navalhas para defender o pavilhão), tira o pano das costas, enrola em um mastro como se fosse bandeira, e mostra que se uma mulher desfilasse com uma bandeira, poderia evoluir melhor. No ano de 1938 surge o mestre-sala da porta-bandeira, passando o homem a fazer o papel do primeiro e, a mulher, da segunda, cujo casal passa a ser avaliado

somente no ano de 1958. Assim, as mulheres tornaram-se responsáveis por conduzir o estandarte, o que marcou a saída da invisibilidade para passar a carregar e proteger o maior símbolo da escola de samba: o Pavilhão.

Nessa época, começou a ser cobrada a dança, a evolução, assim como, a vestimenta, que, conforme Pereira (2020, *on-line*), "[...] tinha que seguir um padrão, tinha que ser como as vestimentas da corte do século XIX". Com essa origem na corte portuguesa, era exigido que a dança tivesse movimentos da dança da corte. "Não era para ter capoeira, como era nos tempos dos balizas e dos porta-estandartes [...]", os quais dançavam soltos e de forma natural. Então, se ocorreu inspiração nos brancos, não poderia ser samba. "Samba é coisa de negro, o samba é negro". Com a cobrança das roupas e passos de dança, começam as técnicas de condução, formas de apresentação e movimentos de reverência. Como as escolas de samba são decorrência da sabedoria, da resistência e cultura negra e, por isso, guardam valores africanos, quem carrega o pavilhão, maior símbolo da escola, "[...] ganha status de realeza, principalmente a porta-bandeira, mulher, matriarca". E vem daí os reis e rainhas das escolas de samba, pela questão de nobreza. "Como a porta-bandeira está levando, carregando símbolo maior da escola e o mestre dele está conduzindo protegendo a porta-bandeira e o pavilhão, eles têm que estar à altura, vestidos de reis e rainhas, mas de reis e rainhas africanos".

A porta-bandeira destaca-se na composição da escola de samba, por sua simpatia, bailado, seguindo regras e espalhando bênçãos com o tremular da bandeira, [mantendo o corpo coberto, mas cheia de significação em suas fantasias]. Suas expressões faciais devem ser alegres, cativantes e mostrar um sorriso ao longo da apresentação, somado ao rodopiar na pista mantendo o pavilhão sempre aberto (Pavão, 2016, p. 19-31). "A porta-bandeira conduz seus movimentos com leveza, majestade, performando uma 'rainha'. Enquanto o mestre-sala corteja e reverencia a dama com agilidade, elegância, ritmo e simpatia" (Afonso, [2023], *on line)*. A porta-bandeira gira da mesma forma que as baianas, na intenção de espalhar o axé, que está no pavilhão. Dessa forma, saúda a ancestralidade, onde recolhe as bênçãos e espalha para a comunidade. Ao empunhar e levantar a bandeira guia a comunidade, "[...] como uma bússola para indicar o caminho a ser seguido". O mestre-sala gira em torno da porta-bandeira, para marcar território e "[...] observar os possíveis rivais que queiram invadir e roubar seu pavilhão ou sua porta-bandeira [...]", como forma de cortejar, cujos gestos malandreados indicam estar preparado para qualquer contratempo (Pereira, 2020, *on-line*).

Em relação às vestimentas da porta-bandeira, e demais personagens do carnaval, não há como deixar de abordar a moda, a qual, segundo Maux e Costa (2022, *on-line*) é "[...] uma

expressão cultural [...]" relacionada ao carnaval, a contar das fantasias e os adereços, usados pelos foliões nas festividades. Conforme Lorensoni (2013, p. 84 e 94) a "[...] moda é indissociável da cultura, já que a moda a integra como elemento de representação e convívio social da cultura [...] compõe a representação do sujeito e media suas relações, logo, constitui uma identidade". Portanto, no carnaval as vestes tem o condão de tornar perpétua e ressignificar a representação da cultura. Para o autor, "[...] a roupa conversa, propõe um diálogo social repleto de símbolos que comunicam e são interpretados". Nesse contexto, as fantasias de carnaval são consideradas moda e "[...] a concepção das fantasias tem como principal objetivo o impacto visual [...]", mesmo quando os corpos estão vestidos com poucas roupas, ou seminus. (Góes, 2002, p. 76). Conforme Araújo (2019, p.29) no tocante à moda nas escolas de samba, a aparência é de vital importância, pela exposição no desfile. Por sua vez, Johnny Soares (2024, *on-line apud* Falando [...], 2024, *on-line)* manifesta que a moda exerce função essencial no carnaval, com destaque não somente pela alegria, energia e vibrações, mas também pelo estilo incomparável. Para ele, a festividade é uma manifestação cultural que expõe a criatividade e diversidade do grupo social, onde a moda é uma maneira "[...] de expressar identidade, história e tradição [...]" e, por isso, não está estagnada. A moda no carnaval representa diferentes identidades culturais que estão na festividade, não sendo de forma individual. Expõe "[...] que as roupas podem contar histórias sobre a diversidade étnica, social e histórica do Brasil". Nesse instante, ultrapassa o simples vestir, sendo um instrumento para mostrar a cultura, individualidade e criatividade.

Atualmente, as vestimentas do casal de porta-bandeira e mestre-sala, são compostas por "[...] perucas, tiaras, coroas, luvas, saia longa e de larga volta [...]" e as roupas são compostas por "[...] faisões, *strasses*, plumas, miçangas, acetato, canutilhos, paetês, vime, espuma, luzes de led, entre outros tipos de materiais". Para consonância com as roupas suntuosas, é esperado que a porta-bandeira e o mestre-sala se portem de "[...] modo majestoso e nobre [...]", pois são figuras importantes na tradição. Com o passar dos anos, ocorreram alterações no processo de confecção das roupas do casal, pois havia a referência das vestimentas da corte do século XIX. Hoje, são confeccionadas com influência na escola, "[...] com novas possibilidade de adereços" (Afonso, [2023], *on-line*).

2. Metodologia

A metodologia empregada é a pesquisa bibliográfica. Conforme Selltiz et al. (1967 *apud* Gil, 2008, p. 27) existem três grupos de pesquisa: estudos exploratórios, estudos descritivos e estudos que verificam hipóteses causais. São diversas as formas de coletar dados em uma pesquisa de cunho exploratório e, "Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas". Para Prodanov e Freitas (2013, p. 54) a pesquisa bibliográfica é realizada mediante material já publicado: "[...] livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet [...]". A vantagem "[...] da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Segundo Gil (2008, p. 50-51) "[...] convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, [...] para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente". Dessa forma, é buscada a investigação conforme sugere Gil (2008, p. 31), mediante "[...] planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório[...]".

3. Resultados e conclusão

Embora seja um trabalho em desenvolvimento, através da pesquisa bibliográfica e análise das informações obtidas, resta claro que a vestimenta, objeto direto da moda, está relacionado ao carnaval, como forma de exposição de sentimentos e pensamentos através da arte na passarela. Nesse contexto, o corpo, e seus movimentos são cruciais, e representativos, o que é abordado no estudo da porta-bandeira e mestre-sala.

Os valores existentes nas vestimentas ultrapassam o simples vestir e sua função de proteger, de pudor ou de distinção do indivíduo na sociedade ou no grupo onde está estabelecido. A moda ressignifica e auxilia na metamorfose do corpo, como forma de linguagem, podendo transmitir o período histórico e mensagens políticas, que são tão importantes nos desfiles de carnaval. As vestimentas transformam os corpos, invertem as posições sociais, nem que seja naquele momento de esplendor na passarela.

O carnaval e a moda, como manifestação cultural, mantém viva a identidade de um povo ou grupo, promove a inclusão social, a diversidade, trás os fatos históricos importantes para a sociedade, permite a expressão e compartilhamento das tradições, o que justifica a importância da continuidade das discussões.

4. Referências

AFONSO, Lucas. **Mestre-sala e porta-bandeira**; Brasil Escola. [2023]. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/carnaval/porta-bandeira.htm. Acesso em: 30 jun. 2024.

ARAÚJO, Carlos Roberto Oliveira de. Metamorfose Corporal na Moda e no Carnaval. **Cuadernos del Centro de Estudios En Diseño y Comunicación,** S.I., v. 76, n. 20, p. 15-35, dez. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/pdf/ccedce/n76/1853-3523-ccedce-76-15.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro, RJ; Rocco, 1997. 350 p.

FALANDO de Moda: A Magia da Moda no Carnaval. **Jornal DR1**. 2024. Disponível em: https://jornaldr1.com.br/falando-de-moda-a-magia-da-moda-no-carnaval/. Acesso em: 31 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo. Ed Atlas S.A. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6598370/mod_resource/content/1/Livro%20Gil%2C%20Antonio%20Carlos.pdf. Acesso em: 29 jun.2024.

GÓES, Fred. A construção do corpo brasileiro no Carnaval. **Designis:** Publicación de La Federación Latinoamericana de Semiótica, Rio de Janeiro, p. 69-80, ago. 2002. Disponível em: https://www.designisfels.net/wp-content/uploads/2021/05/i3.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução: Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ. Ed Vozes, 2011.

LORENSONI, Muryllo Rhafael. **Minhas roupas têm cultura**: o folk na moda contemporânea. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/567/1/DISS_2013_Muryllo%20Rhafael%20Lorensoni.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

MAUX, Suelly; COSTA, Ana Lívia Macêdo. A representação do carnaval virtual brasileiro na revista Vogue sob a perspectiva da folkcomunicação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 20, n.. 44, p. 71-87, 2022. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/6317/631771622008/html/. Acesso em: 04 abr. 2024.

PAVÃO, Fábio**. O sorriso da porta-bandeira**: ritual, simbolismo e performances no mundo do samba carioca. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 19-31, nov. 2016. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/30988/22161. Acesso em: 05 abr. 2024.

PEREIRA, Bárbara; ABREU, Regina. Revista: **Ciência Hoje.** Artigo Mulheres do Carnaval: uma história quase invisível. Jan/fev. 2020. Disponível em: https://cienciahoje.org.br/artigo/mulheres-do-carnaval-uma-historia-quase-invisivel/. Acesso em: 30 mai. 2024.

PEREIRA JÚNIOR, Jackson. Carnaval**:** a história, tradições e importância cultura l e econômica da festa brasileira mais famosa. **Economic News Brasil,** 2023. Disponível em: https://economicnewsbrasil.com.br/2023/02/18/carnaval-a-historia-tradicoes-e-importancia-cultural-e-economica-da-festa-brasileira-mais-famosa. Acesso em: 21 nov. 2023.

PEREIRA, Vivian. **Bailado Ancestral**: história e origem do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira. Quilombo do Samba. 2020. Disponível em: https://quilombodosambacom.wordpress.com/2020/11/24/bailado-ancestral-historia-e-origem-do-casal-de-mestre-sala-e-porta-bandeira/. Acesso em: 30 jun. 2024.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo. Universidade Feevale. 2013. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/ebook-metodologia-do-trabalho-cientificoprodanovfreitaspdf/255734987. Acesso em: 29 jun. 2024.